

“PAUSA PARA EXISTIR”: AS OCUPAÇÕES DOS SECUNDARISTAS E A PROVOCAÇÃO SOBRE AS IDEIAS DE PODER, FLUXO E TEMPO

“PAUSE TO EXIST”: SECONDARY STUDENTS' OCCUPATIONS AND THE PROVOCATION OF THE IDEAS OF POWER, FLOW AND TIME

Heliana de Barros Conde Rodrigues³⁶

Lilian Michelli Giovanelli da Costa³⁷

Resumo

Entre os anos de 2015 e 2016, os estudantes secundaristas realizaram um dos movimentos políticos mais insurgentes dos últimos tempos no Brasil: as ocupações das escolas públicas. Motivadas por diversas razões, elas foram marcadas principalmente pelo ineditismo da autogestão dos alunos e pelo desafio imposto às autoridades públicas. Como reverberação, a experiência dos estudantes também provocou o debate sobre a relação com o poder, o fluxo e o tempo. Este artigo analisa o movimento em diálogo com essas três categorias utilizando como suporte o registro das ocupações no audiovisual e no teatro. O movimento sinalizou para essa juventude a possibilidade de outras práticas com o mundo e indicou que ações semelhantes podem estar apenas à espera de um momento oportuno para acontecer de novo.

Palavras-chave: Ocupações dos secundaristas. Juventude. Luta Política. Experiência.

Abstract

Between 2015 and 2016, secondary school students carried out one of the most insurgent political movements of recent times in Brazil: the occupations of public schools. Motivated by several reasons, they were mainly marked by the unprecedented students' self-management and the challenge imposed on public authorities. As a reverberation, the students' experience also sparked the debate about the relationship with power, flow and time. This article analyzes the movement in dialogue with these three categories using as a support the recording of occupations in audiovisual and theater. The movement signaled to this youth the possibility of other practices with the

³⁶ Professora Associada vinculada à graduação em Psicologia e à pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH). Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: helianaconde@uol.com.br. Telefone: (21) 2295-7526. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4687-3646>

³⁷ Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH). Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: micultura01@gmail.com. Telefone: (21) 98088-5607. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7811-1961>



world and indicated that similar actions may just be waiting for an opportune moment to happen again.

Keywords: Occupations of high school students. Youth. Political Struggle. Experience.

Introdução

Final do ano de 2015. Na barulheira típica de fim de ano por conta das festas comemorativas e a doce sensação de poder começar tudo de novo, uma notícia aparece timidamente na mídia: estudantes da rede pública de São Paulo ocupam suas escolas para protestar contra a reorganização imposta pelo ex-governador Geraldo Alckmin. Em pouquíssimo tempo, a fagulha já tinha criado condições para incendiar a pradaria: cerca de 200 escolas paulistas foram ocupadas, ganhando ampla cobertura na mídia alternativa e logo depois despertando atenção da grande imprensa, da opinião pública e do próprio governador.

A reorganização - cumprindo bem a cartilha eufemista do idioma neoliberal – de escolas consideradas ociosas pelo governo paulista acenava à otimização de espaços da cidade para satisfazer o interesse do mercado imobiliário e foi planejada sem qualquer consulta aos estudantes, as pessoas mais impactadas pela decisão. A repercussão das ocupações foi grande e a reorganização foi temporariamente cancelada.

São Paulo foi o ponto de partida das ocupações dos secundaristas no Brasil. Os estudantes paulistas parecem ter apertado o gatilho das condições de possibilidade para o protesto que, por sinergia, incentivou o movimento em outras cidades do país (mesmo com razões diferentes para realizá-lo).

No ano seguinte ele chegou ao Rio de Janeiro com a ocupação de aproximadamente 80 escolas, provocada principalmente pelas demandas em relação às estruturas físicas, aspectos administrativos e questões curriculares. Disseminado pelo país com a ajuda fundamental das redes sociais, o movimento culminou com a ocupação de cerca de 1.000 escolas no Paraná, no segundo semestre de 2016, motivado pela



Medida Provisória nº 746 publicada pelo ex-presidente Michel Temer em setembro do mesmo ano e que trouxe profundas alterações no Ensino Médio no Brasil.

Reservadas as diferenças de motivos e demandas, as ocupações foram marcadas pela autogestão dos estudantes através da criação de comissões organizadoras (como segurança, limpeza, cozinha, comunicação, atividades, finanças). Outras três características que merecem destaque são: o discurso de não associação do movimento com partidos políticos; horizontalidade na organização, sem o estabelecimento de lideranças personalizadas; atividades pensadas pelos próprios estudantes, traduzindo seus quereres em relação aos conteúdos desejados na escola (COSTA, 2017).

Desde então, as ocupações dos secundaristas vêm conquistando cada vez mais espaço como campo de pesquisa em diferentes áreas (como educação, sociologia, psicologia, comunicação, entre outras). O tema é fértil e apresenta um amplo espectro de possibilidades de análises.

O recorte feito para este texto propõe um olhar para as ocupações a partir da provocação que elas instigaram na relação com o poder, o fluxo e o tempo como insurgência contra um modo de vida sufocado e anestesiado por diversas violações. Efeitos sentidos diretamente por esses estudantes e que também ecoam, como ressonância, um pouco de todos nós.

Foi muito sintomático desse sentimento a capa da edição nº 925 da revista Carta Capital: uma foto da Ana Júlia, estudante que ocupou o Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães (Cesmag) e que ficou conhecida por seu discurso na Assembleia Legislativa do Paraná. Ao lado da sua imagem discursando, a manchete: “A menina que fala por nós”. O subtítulo da reportagem de capa enfatiza: “Representante dos estudantes que ocupam mais de mil escolas no país, Ana Júlia Ribeiro prova que ao menos uma porção importante da sociedade reage ao estado de exceção” (TRUFFI, 2016, p. 18).

É preciso destacar uma repercussão (entre muitas) deixada pelas ocupações dos secundaristas: seus registros artísticos no audiovisual e no teatro. Tem chamado bastante atenção a intensa produção de material sobre o movimento. Não apenas as produções acadêmicas configurando importantes canais de debate e reflexão, mas também a expressiva produção audiovisual realizada pelos próprios estudantes e por profissionais de diversas áreas.

Estão associadas a esse fato a popularização dos aparelhos celulares e as facilidades de produção e edição de imagens promovidas pelas tecnologias atuais. Vale ressaltar que o registro das ocupações está profundamente ligado à memória de um movimento cujos discursos e narrativas foram (e ainda são) muito disputados. Além da relação com a memória, eles também cumprem um valioso papel no reconhecimento da importância e intensidade desse movimento na vida escolar e política de quem participou dele.

E não só a memória é acionada nesse processo: os filmes e peças sobre as ocupações criam (ou recriam) em quem assiste uma conexão com a experiência vivida pelos estudantes, ainda que esse espectador (jovem ou adulto) não tenha participado do movimento. Corroboram essa ideia os inúmeros debates que têm acontecido nos últimos anos, após exposições e performances sobre o tema, com plateias de perfis muito diferentes, em territórios diversos.

Arriscamos dizer que esse interesse pode vir do fato das ocupações representarem uma espécie de microcosmo da situação política mais ampla que abarca todos nós, enquanto corpos e subjetividades, de formas distintas. A reação das pessoas às cenas que mostram a ação da polícia contra os estudantes, dentro ou fora da escola, é uma ilustração disso. Via imagem, o espectador é sensibilizado e convocado a refletir inicialmente sobre uma série de pautas ligadas diretamente aos estudantes, mas que reverberam questões mais amplas sobre direitos, a cidade, a política e a polícia.

A menção aos registros artísticos está sendo feita porque vamos utilizá-los como suporte para a reflexão proposta. Assumindo o papel que a arte tem no sentido de

interpretar e afetar nosso olhar para a realidade, a reprodução das ocupações através do audiovisual e do teatro promove um diálogo sensível entre quem viveu a experiência e quem se vê minimamente representado por ela. Via linguagem artística, as ocupações dos estudantes continuam de alguma forma repercutindo uma reação às engrenagens dos tempos sombrios que estamos vivendo.

Cabe destacar também que como campo notório de deságue e pulsações da vida, a arte aponta o que os outros campos não conseguem traduzir. E torna-se ainda mais necessária para um movimento marcado pela força do coletivo, por corpos insurgentes em luta, por atravessamentos que só a palavra não dá conta: é preciso tato, gestos, corpo, fluidos, imagem, sensações. Assim, a arte entra também enquanto veículo de acusação da vida sequestrada pelo modo neoliberal de viver. Através da expressão artística, as ocupações dos secundaristas – encerradas enquanto materialidade - continuam ecoando e, neste sentido, são ao mesmo tempo denúncia do que está e um anúncio do que se quer.

As ocupações no audiovisual e no teatro

Registradas em diversos formatos do audiovisual (curta, média e longa duração), as ocupações têm aparecido em grande parte no gênero documentário. Apenas para citar alguns: “ACABOU A PAZ, isso aqui vai virar o Chile!” (2015, 60 min) de Carlos Pronzato³⁸, “Lute como uma menina!” (2016, 76 min) de Flávio Colombini e Beatriz Alonso, “Secundas” (2017, 16 min) de Cacá Nazario e “Espero tua (re)volta” (2019, 93 min) de Eliza Capai, premiado em 2019 no Berlinale, o Festival Internacional de Cinema de Berlim. No gênero ficção, o longa “Rasga Coração”³⁹ (2018, 115 min) de Jorge

³⁸ Carlos Pronzato é diretor do documentário “A Rebelião dos Pinguins”, sobre a ocupação das escolas secundaristas no Chile, em 2006. O filme, disponível gratuitamente no YouTube, foi citado por diversos estudantes como inspiração para as ocupações das escolas no Brasil, de acordo com várias entrevistas (COSTA, 2017).

³⁹ Adaptação para o cinema de peça homônima de Oduvaldo Vianna Filho, escrita em 1974.

Furtado, atualiza e complexifica o conflito entre gerações usando a resistência à ditadura e a ocupação de uma escola como instrumentos de luta política.

“Espero tua (re)volta” (2019) refaz o caminho a partir das manifestações de junho de 2013 para costurar as ocupações dos secundaristas em 2015 e 2016 junto ao cenário político brasileiro, terminando em 2018 com a eleição de Jair Bolsonaro. No meio desse caldo, composto de imagens próprias da diretora junto a outros registros de mídia-ativistas, estão pautas como a luta estudantil, a condição das escolas, os jovens da periferia, a cultura política, a polícia, a cidade, o capitalismo, os direitos e os debates identitários. O documentário é apresentado e narrado a partir do ponto de vista de três estudantes que participaram das ocupações: Lucas “Koka” Penteado, Marcela Jesus e Nayara Souza. É a produção de maior visibilidade sobre as ocupações dos secundaristas, com diversos prêmios no Brasil e no exterior.

Outra produção que merece destaque, agora na linguagem do teatro, é a iniciativa da coletivA Ocupação, grupo de teatro formado por estudantes, artistas e performers que se conheceram durante as ocupações das escolas de São Paulo, e cuja criação resultou na peça “Quando Quebra Queima”. Dirigida por Martha Kiss Perrone, a peça, nomeada uma “dança-luta”, revive e presentifica a experiência dos secundaristas.

“Pausa para existir” é o nome da oficina de teatro promovida pela coletivA Ocupação. O projeto foi contemplado em 2020 pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e consiste na circulação de residências artísticas, rodas de conversa e apresentações gratuitas do espetáculo “Quando quebra queima” em escolas públicas e outros espaços. Essa informação poderia estar numa nota, mas está aqui no corpo do texto para destacar que as ocupações continuam irradiando após quase seis anos desse movimento.

Evidente que não se fala aqui das ocupações das escolas propriamente ditas acontecendo de novo. Ironicamente (ou não) as forças em jogo que possibilitaram o movimento desses estudantes arrefeceram e o que se viu depois disso foi um cenário ainda pior: a eleição do primeiro governo de extrema direita no Brasil, com um claro

discurso de caça às manifestações de qualquer natureza. Após o aceno a uma revolução micropolítica desencadeada pela juventude em 2013, 2015 e 2016, a calorosa sensação de uma reação progressista vinda desses movimentos deu de cara com uma onda extremista (se é que é uma onda) ainda maior que, desde então, vem engolindo o Brasil.

Isso, contudo, não diminui a relevância do movimento. Paira no ar a impressão de que o foco nas razões para ele ter acontecido e o que aconteceu depois dele (na busca de linearidades e resultados) seja um pouco reducionista porque há muitas potências e ressonâncias despertadas. Por ora, então, vamos falar da intensidade das ocupações enquanto experiência.

O que há de poder, fluxo e tempo nas ocupações?

Assumindo que pensar as ocupações a partir da perspectiva da experiência também inspira uma série de análises, vamos tencioná-las na relação com o fluxo e o poder, como já foi dito, através de uma provocação feita pelo Comitê Invisível (2016, p. 97): “O poder é logístico. Bloqueemos tudo!”. Provocação essa que encontra eco na expressão utilizada pela coletiva Ocupação e que citamos de novo: *pausa para existir*. É possível pensar que a associação entre poder e fluxo se apoia na ideia da ordem para o movimento regular das engrenagens de diversas naturezas na normalidade da vida. O normal é o que segue, o que não enguiça, não paralisa, não contesta, seja isso um indivíduo, uma fábrica ou uma negociação. É a ironia da clássica expressão “As instituições estão funcionando normalmente” utilizada em situações de crise aguda.

É sintoma disso o constante apelo das autoridades para que tudo volte ao normal sempre que algo perturba a ordem. Também dá pra pensar nas camadas de significados envolvendo o lema “Ordem e progresso” ou mesmo na função da polícia para restaurar a ordem. O argumento da normalidade é com frequência utilizado em situações como as revoltas em presídios, as greves, as manifestações de rua, entre outros exemplos possíveis.

E foi assim também com as ocupações dos secundaristas, criticadas por atrapalharem o funcionamento normal das escolas, do ano letivo e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), instrumento de acesso às universidades federais do Brasil. Parece que para os tempos de hoje, o normal talvez seja a anestesia ilustrada no fluxo da marcha: em frente, sem olhar para os lados, comportamentos uniformes, obediência incontestável e desejos sublimados. “Lá fora faz um tempo confortável/a vigilância cuida do normal”, como bem ilustra Zé Ramalho (1979).

Voltando às ocupações, há cenas emblemáticas da relação com o fluxo no documentário “Espero tua (re)volta” (2019): fechando algumas vias importantes de São Paulo para protestar, os estudantes ouviam das pessoas paradas no trânsito frases do tipo “tudo bem vocês protestarem, mas me deixem seguir para trabalhar”. Em outro momento, uma mulher em seu carro tentando cruzar a Av. Paulista aparece dialogando com uma estudante para negociar sua passagem pela rua bloqueada com a mesma justificativa: ir trabalhar.

A narração de Nayara surge na cena explicando que muitas mulheres antes dela precisaram ir para as ruas protestar por direitos e melhores condições de trabalho para as mulheres. Ou seja: se naquele momento a mulher seguia para seu trabalho, foi justamente pela luta histórica de mulheres que a antecederam. Nayara também chama a atenção para o fato de o protesto ter mesmo que incomodar o cotidiano das pessoas. Mais argumentos amparados na necessidade do trabalho e da normalidade aparecem na ação truculenta da polícia com os estudantes justificada por razões de “liberação do tráfego”. Há muitas cenas desse tipo no documentário. Interromper o fluxo de uma megalópole como São Paulo para protestar por uma escola melhor dá a dimensão das forças em jogo nesse movimento: estudantes desafiando uma decisão do governo, ocupando um espaço até então preservado de manifestações diretas dentro das suas estruturas e indo para as ruas enfrentar a temida polícia de São Paulo que, já em 2013,

tinha deixado claro qual era sua conduta com quem participa de manifestação⁴⁰. Situação que nos faz pensar no quanto de querer existe na força de um movimento disposto a causar isso.

O Comitê Invisível traduz essa ideia de fluxo e poder em diversas passagens do seu texto quando assume que o poder não está mais nas instituições e sim na manutenção da ordem da vida: “[...] a verdadeira estrutura do poder é a organização material, tecnológica, física deste mundo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 102). Há um reforço dessa reflexão em outros trechos do mesmo capítulo:

[...] Uma ordem cuja constituição política é sua constituição material. Uma ordem que se revela menos nas palavras do presidente do que no silêncio do seu funcionamento ótimo. [...] Atacar o cenário da vida cotidiana se tornou de fato um sacrilégio, algo como violar a Constituição. [...] A ordem muda e inquestionável que materializa a existência de um Airbus infelizmente não jaz em pedaços quando este se despedaça (ibidem, p. 103).

As ocupações dos secundaristas dialogam com esses pensamentos quando olhamos para suas implicações materiais e subjetivas. Pela materialidade, entendemos: a interferência na estrutura física das escolas e a interrupção de seu fluxo ou seu funcionamento normal⁴¹. Como já mencionado, a surpresa causada pelas ocupações veio da novidade trazida pelo movimento ao se instalar dentro da escola e estabelecer uma gestão do espaço conduzida pelos próprios alunos. Espaço este cuja concretude é fundamental para o discurso de manutenção da ordem proferido pelo Estado.

Quando os estudantes ocupam os espaços físicos das escolas, há duas mensagens⁴²: insatisfação com a ordem e o bloqueio do seu funcionamento para

⁴⁰ O documentário traz imagens emblemáticas dos estudantes desafiando a polícia no momento de suas prisões cantando músicas do tipo: “Ah/que ruim que deve ser/prender estudante pra ter o que comer”, “Ah/vou estudar/ pra não virar polícia militar”.

⁴¹ O termo “interrupção do fluxo” pode ter várias interpretações: houve uma interrupção de uma determinada forma de experiência na escola (o funcionamento padrão) que foi substituída pela experiência de autogestão dos alunos, o que também é um fluxo, mas com outros contornos. Neste momento do texto é a primeira interpretação – a do funcionamento padrão - que destacamos.

⁴² Há várias mensagens, na verdade. Por ora, elegemos essas duas.

instaurar outra dinâmica, ou seja, *pausa para existir...* de outra forma. Uma das características mais marcantes do movimento – e que criou uma sinuca no argumento dos diversos agentes do Estado – era como explicar que os secundaristas ocuparam as escolas públicas para cuidar delas. Esse pode ter sido um dos pontos fortes para que as ocupações ganhassem a simpatia da sociedade, da mídia e de uma parte considerável dos partidos políticos, principalmente os de esquerda (COSTA, 2017).

Afinal, é muito bem sucedida a ideia que responsabiliza os estudantes pela depredação das escolas públicas. Evidente que falamos aqui de senso comum e que afirmações desse tipo talvez nem devessem estar numa pesquisa, mas a ideia existe e cabe perguntar⁴³: se eles destroem a escola, por que então ocupar para cuidar? Qual seria o sentido disso?

Por isso foi muito importante que as ocupações e toda sua dinâmica tenham sido registradas pelos mais diversos meios e tenham repercutido amplamente nas redes sociais. Foi bastante perspicaz como estratégia que os ocupas convidassem as pessoas de fora para visitar as escolas (COSTA, 2017). Se o poder está nas estruturas, como sugere o Comitê Invisível, uma estrutura precarizada pode revelar de forma nítida os interesses a seu respeito. O bloqueio do fluxo das escolas públicas feito pelas ocupações serviu como estratégia e publicidade da realidade de suas estruturas físicas, chamando a atenção da sociedade para as características do seu funcionamento normal.

Isso sem falar em outra ideia bastante cristalizada no senso comum de que a juventude hoje em dia não quer saber de nada, é individualista, inconsequente, consumista e tantos outros “adjetivos” aguçados ainda mais quando se fala na juventude das periferias, o público da escola pública. Quando essa mesma juventude protagoniza um dos movimentos políticos insurgentes de maior fôlego num cenário político altamente inflamado, onde entra essa ideia de que o jovem “não quer nada”?

⁴³ Não negamos que existam casos da falta de cuidado dos estudantes com a escola. A intenção aqui é rebater a imagem de que a situação estrutural das escolas públicas é produto **exclusivo** da ação dos estudantes.

(COSTA, 2017).

Além da materialidade traduzida nas ações diretas em suas estruturas físicas, é preciso falar também do que chamamos de implicações subjetivas trazidas pelas ocupações. Cabe dentro disso o estar junto, o partilhar, a experiência coletiva indicando uma relação com o tempo (de novo... *pausa para existir*). O Comitê Invisível chama a atenção para a existência de uma intuição coletiva atenta ao esfacelamento do estar junto que a ordem da vida atual tem instaurado.

As várias ocupações vistas nos últimos anos em diferentes formatos pelo mundo (praças, avenidas, fábricas, escolas...) são uma resposta coletiva a isso. Simbolizam uma tentativa de recuperar a experiência coletiva fragilizada por uma vida suspensa, artificial, individualista, organizada em frações e funções que desintegram fingindo articular.

No contexto das ocupações das escolas, isso pode ser traduzido na substituição da fábrica de competências e conteúdos por um espaço de convivência de outras naturezas como o dormir, cozinhar, dançar, discutir. Uma *pausa para existir* (mais uma vez...) de outra forma dentro desse espaço, vivendo outra temporalidade e provocando o debate sobre conviver. Num mundo produtivista que de forma cínica elogia cada vez mais os autômatos, parar para existir é uma insurgência.

É enquanto acionamento do coletivo que as ocupações dos secundaristas resgatam a potência do viver em comum e reinscrevem outra experiência com a escola. O Comitê Invisível traduz esse olhar muito bem quando fala das ocupações como resposta à organização artificial imposta da vida cotidiana que tem como resultado um deserto e anemia existencial:

Daí provém, inversamente, a alegria palpável que extravasava das praças ocupadas da Puerta Del Sol, de Tahrir, de Gezi, ou a atração exercida, apesar da lama infernal dos campos de Nantes, pela ocupação de terras em Notre-Dames-des-Landes. Daí a alegria que se agarra a qualquer comuna. Repentinamente, a vida deixa de estar recortada em pedaços conectados. Dormir, lutar, comer, cuidar, festejar, conspirar, debater provêm de um mesmo movimento vital.



Nada está organizado, tudo se organiza. A diferença é notável. Um apela à gestão, o outro à atenção – disposições em todos os pontos incompatíveis (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 105).

Podemos pensar que a problematização dessas duas categorias (gestão e atenção) também está relacionada com a ideia do fluxo: o controle dele (gestão) x deixar fluir (atenção). Esta última inspira um estar no tempo presente, observando o sentido das conexões, o cuidado, a escuta, em suma: um estar inteiro na experiência que a noção de progresso interdita, como bem ilustrou Walter Benjamin (2012, p.213) há quase cem anos.

Na nova razão do mundo que se instalou, para citar Dardot e Laval (2016), a produtividade da empresa é encarnada no indivíduo em sua relação com todos os âmbitos da vida, além do trabalho. “Sempre em frente, não temos tempo a perder”, como cantou Renato Russo (1986). Progresso, velocidade, novidade são valores bem vistos numa sociedade cujo tempo parece uma carcaça a se despedaçar.

E neste sentido o poder sobre o fluxo é também o poder sobre o tempo, pois onde tudo tem que correr, insistir em parar também é uma resistência, literal e simbólica, e daí mais uma vez a provocação da expressão *pausa para existir*. Principalmente quando ela se refere à vida de estudantes de escolas públicas moradores da periferia. Dá pra esmiuçar um pouco mais e abrir outra possibilidade de reflexão: a prerrogativa de quem pode mandar parar (ou mesmo fazer recuar) algum fluxo está diretamente associado ao grau de poder hoje em dia⁴⁴. Quando essas ações partem de sujeitos que não estão em lugares tradicionais de comando e de poder, provocam fissuras importantes⁴⁵.

⁴⁴ Basta pensar no impacto avassalador que a China provoca atualmente quando resolve parar ou retardar seus fluxos. Em agosto de 2019, a desvalorização proposital (ou seja, a interrupção do fluxo de valorização) da sua moeda gerou uma desvalorização de \$53 bilhões à Apple (TAMANINI, 2019). A guerra comercial entre EUA e China é um exemplo, entre outros possíveis, que ilustra bem a associação direta entre controle do fluxo e poder. Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/mercado/144723-eua-x-china-guerra-comercial-gera-desvalorizacao-us-53-bilhoes-apple.htm>. Acesso em: 02/04/2021.

⁴⁵ Não é o tema da nossa discussão, mas vale mencionar que a greve dos caminhoneiros realizada em 2018 também é um excelente exemplo para pensar essas questões.

No caso dos estudantes das ocupações, não importa que a escola tenha sérios problemas estruturais, que o ar-condicionado não funcione no verão do Rio de Janeiro, que haja apenas três vigias (um para cada turno) para um colégio de quase 14.000 m² e 3.000 alunos⁴⁶, que as turmas estejam lotadas, que não tenha papel higiênico no banheiro. Da mesma forma, pouco interessa que uma reorganização imposta às escolas afete diretamente o cotidiano dos estudantes e suas famílias, trazendo ainda mais dificuldades.

Para a engrenagem da vida normal, o importante é terminar o ensino médio, passar no ENEM, entrar numa faculdade para conseguir um emprego, ou seja, seguir o fluxo. Não vamos negar a importância disso para a materialidade da vida, obviamente. A reflexão posta aqui é no sentido de pensar que o tempo parece não pertencer ao indivíduo.

Na relação com o tempo, cabe trazer brevemente Michel de Certeau (2014) e suas reflexões sobre o cotidiano. Certeau vê o cotidiano como um espaço marcado por estratégias e táticas⁴⁷ acionadas a todo momento pelos sujeitos. Na ideia de estratégia, ele faz uma associação ao sentido de propriedade, seja ela espacial (lugares ou espaços físicos) ou o que é instituído como poder (discursos, enunciados, a escrita ou mesmo o olhar panóptico, em diálogo com Michel Foucault). As estratégias estão associadas a uma ideia de propriedade também sobre os sujeitos. Certeau (2014) dá o exemplo (entre outros) da escola como um lugar de propriedade exercida sobre indivíduos através de práticas panópticas.

Com tática, o autor indica o uso do tempo para aqueles sujeitos que não gozam da propriedade como recurso (as ideias de proprietário e inquilino ajudam a compreender a diferença que ele faz nos conceitos de estratégia e tática). Nisso estão presentes as manobras, os golpes (“no campo do inimigo”, pensando na metáfora da

⁴⁶ Exemplo do Colégio Estadual Visconde de Cairu, no Méier (zona norte do Rio de Janeiro) ocupado pelos estudantes entre abril e junho de 2016 (COSTA, 2017).

⁴⁷ O uso metafórico dessas duas categorias dialoga com os conflitos políticos (e, por extensão, sociais e culturais) que marcam o contexto da produção de Certeau (como a Guerra do Vietnã, nos anos 70).

guerra), os usos astutos que são empreendidos na ausência do olhar panóptico. Certeau (2014) também usa a escola como uma possibilidade de entendimento disso ao analisar as práticas culturais dessa instituição e defender a necessidade de não estigmatizar alunos e professores, sujeitos que estão sob estratégias, mas que recriam suas ações com o uso de inúmeras táticas.

Quando os estudantes bloqueiam a escola, assumem a gestão do espaço e realinham atividades e interesses que não são contemplados pelo currículo tradicional, eles evidenciam a insatisfação com um ensino desconectado da sua realidade⁴⁸ e ajustam a nau em direção ao que eles desejam. A ocupação funciona então como uma tática na relação com o espaço e com o tempo, instalando outro fluxo e outra vivência nessa engrenagem, fazendo valer – ainda que de forma momentânea – seus quereres. Cabe destacar que esses estudantes, marcados pela comunicação em redes sociais, sinalizam os efeitos de tanta conexão de múltiplas formas (COSTA, 2017) que reverberam tanto na quantidade quanto na qualidade das suas conexões (reais e virtuais). Se, por um lado, o tempo parece comprimir várias instâncias da vida, por outro, essa juventude nascida na era digital também sabe jogar com o tempo a seu favor. As ocupações aparecem como um efeito, entre outros, de todo esse contexto e a forma (e velocidade) com que este movimento se espalhou no Brasil indicam um forte diálogo com todas essas questões. Não é exagero afirmar que as redes sociais (como Facebook e WhatsApp) foram fundamentais para a realização das ocupações, funcionando também como tática para o movimento.

Voltamos a citar o Comitê Invisível e Walter Benjamin para mais uma reflexão importante sobre a questão do tempo e da experiência:

⁴⁸ Importante sublinhar que a ideia aqui não é entender a escola pública como uma instituição homogênea (sabemos que este é um espaço de diversas lutas também), nem assumir que a educação possa prescindir dessa instituição e que a juventude poderia abrir mão dela. O destaque é feito no texto como indicação a uma ideia geral de um descompasso entre a educação formal e as demandas da juventude.

Nessa mania de tudo bloquear, que de agora em diante acompanhará cada movimento de amplitude, é preciso ler uma clara reviravolta na relação com o tempo. Olhamos para o futuro da mesma forma como o “anjo da história” de Walter Benjamin olhava para o passado. (...) Dessa forma, é preciso ver cada tentativa de bloquear o sistema global, cada movimento, cada revolta, cada levante, como uma tentativa vertical de parar o tempo e de bifurcá-lo numa direção menos fatal (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 112-113).

Há uma relação deste trecho com a percepção de Benjamin (2012, p. 213) da crise da narrativa como uma crise da experiência do coletivo (*Erfahrung*) imposta pela sociedade capitalista. A banalização da experiência (principalmente dos mais jovens) e o fracasso da arte de contar são vistas pelo autor como efeitos da desagregação e esfacelamento do social no mundo contemporâneo (2012, p. 9). Na sociedade capitalista moderna, a experiência comum é impossibilitada pelo ritmo de vida e pela “ausência” de tempo. Com isso, memória e tradição já não existem mais e a comunidade da experiência é sublimada pelo isolamento do indivíduo (*Erlebnis*).

As ocupações dos secundaristas acenam para a atualidade desta leitura ao promoverem outra vivência em outra temporalidade, instalando uma reação (ainda que pontual) à ideia de que não há tempo suficiente. Numa forma de vida coletiva que se instalou por algumas semanas ou meses nas escolas, houve tempo para inversões de papéis, para conhecer pessoas com mais qualidade de interação, para organizar atividades, para debater assuntos caros à juventude e para pensar com mais calma no futuro.

Entre os muitos efeitos das ocupações passíveis de análise, elas aparecem como repulsa a um modo de viver que preza acima de tudo o indivíduo. A natureza coletiva é citada com frequência em várias entrevistas sobre o tema e em diversos registros audiovisuais. Em tempos de elogio à individualidade e enfraquecimento da noção de solidariedade e empatia (como a pandemia vem mostrando, inclusive), assumir a coletividade acaba se transmutando num movimento insurgente.

Em uma das entrevistas realizadas (COSTA, 2017), uma frase de um aluno destacou o fato da ocupação ter feito os alunos perceberem o “ser humano que existia por trás da figura do professor”. Não só por exemplos cômicos como o fato de descobrirem que o professor ronca ao dormir, mas também pela aproximação às questões mais gerais sobre sentimentos, problemas pessoais, opiniões políticas. O aceno a uma outra forma de convivência em um espaço com relações tão marcadas (como a figura do aluno e do professor, por exemplo) ilustra bem como as ocupações ressignificaram a experiência com a escola para todos os envolvidos. Elas mostraram que outra escola é possível.

Considerações finais

Mais uma vez, um tipo de *pausa para existir* de outra maneira, desenhando novos termos, papéis, discursos, relacionamentos, ações, temporalidades... que brotam de uma experiência coletiva como as ocupações e, mais sintomáticas ainda, porque conduzidas pelas juventudes das periferias. Essas para quem nem o tempo parece pertencer porque esmagadas pela vida atual, são tolhidas inclusive nas suas possibilidades de projeto para o futuro. Daí vem a potência de uma experiência que trouxe aos “ocupas” a ideia de um futuro nas mãos.

É possível pensar também que o movimento propôs outra relação com o poder e o fluxo, não no sentido amplo das grandes engrenagens⁴⁹ porque sabemos quanto estamos capturados pelo sistema e como é difícil desafiá-lo. Com frequência, chegam relatos e notícias de que após as ocupações, algumas escolas endureceram suas gestões e os jovens “ocupas” tiveram que voltar à “normalidade” das dificuldades das suas condições materiais e subjetivas em relação à moradia, estudo e emprego.

Mesmo assim, são inegáveis os efeitos desse movimento ao acenar a essa

⁴⁹ Embora valha destacar que o movimento causou um impacto negativo relevante na carreira de uma das principais figuras políticas do Brasil, o ex-governador Geraldo Alckmin, do PSDB. No ano de 2018, sua candidatura à presidência da República teve seu pior resultado.

juventude a possibilidade de outras práticas com o mundo. Conseguir abalar, ainda que de forma temporária, as amarras de poder, fluxo e ordem de um determinado cotidiano e lutando pela bruta flor do querer que os afeta diretamente, esses estudantes mostraram que outras ações semelhantes podem estar apenas à espera do momento oportuno para acontecer e nisso há uma força avassaladora com múltiplas ressonâncias.

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas v.1.** 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** 22ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

COSTA, Lilian. **#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro.** 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESPERO Tua (Re)volta. Direção: Eliza Capai. Produção de Mariana Genescá. São Paulo: Taturana Mobi, 2019.

RAMALHO, Zé. **Admirável Gado Novo.** Rio de Janeiro: Epic, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwqoeKlajQs> Acesso em: 02/04/2021.

RUSSO, Renato. **Tempo Perdido.** São Paulo: EMI, 1986. Disponível em: <https://youtu.be/zpzoG5KGaHg> Acesso em: 02/04/2021.

TAMANINI, Maria. **EUA x China: Guerra comercial gera desvalorização de US\$ 53 bilhões à Apple.** Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/144723-eua-x-china-guerra-comercial-gera-desvalorizacao-us-53-bilhoes-apple.htm>. Acesso em: 02/04/2021.

TRUFFI, Renan. **Juventude exemplar.** Revista Carta Capital, São Paulo, ano XXII, n. 925, p. 18-23, nov. 2016.

Data do envio: 07/04/2021

Data do aceite: 14/06/2021

